

O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA
DEDICADO AS DAMAS VIMARANENSES

ASSIGNATURAS

Anno 300
Com estampilha 360

GUMARÃES

DOMINGO 6 DE JUNHO DE 1886

TODA A CORRESPONDENCIA

Deve ser dirigida á

REDACÇÃO

Gentilissimas damas vimaranenses



ASIMILHANÇA das de-beis florinhas que durante uma noite nublosa e frigiússima penderam esteoladas e que depois, ao despontar d'aurora, vão recobrando alento, sorrindo meigamente aos osculos dos aureos raios de um sol ardente, entornando gotta a gotta o orvalho matinal que os seus mimosos calices continham, o «Bijou», á similhança d'essas florinhas que enviam sorrisos ao sol em recompensa dos beneficios que d'elle recebem, vem hoje perante vós curvar-se reverente e submisso, implorando, d'entre as frias sombras de que foi gerado, o calór da vossa protecção.

Não deixeis pois de o proteger o mais possivel, que vac n'isso o seu augmento e prosperidade, e o vosso brio tambem.

Deveis dispensar-lhe um acolhimento cordeal e affectuoso, visto elle procurar a vossa égide para poder encetar a sua publicação. O nosso lemma será:—a instrucção e a moralidade; porisso não levanteis impedimento ao «Bijou»... deixai-o ir até ao impolluto *bondoir* das virginaes donzellas, porque elle, moldado pelos irreprehensiveis dotas da moralidade, não conterà a linguagem obscena ou perversedora, mas sim escriptos instructivos e moraes que

poderão delectar e desenvolver a intelligencia; por isso podeis, sem receio, conceder-lhe até um logar no açafate da costura que nenhum precedente mau vos advirá d'ahi.

O «Bijou» não se apresenta pois como um gigante desenfreado, mas sim como pigmeu, mas um pigmeu moralizador e digno de poder, sem receio, correr mãos innocentes, porque não se destina a perverter incautos. Aos zéilos, que infelizmente abundam, responderemos ás suas invectivas com a seguinte advertencia de um distinctissimo escriptor :

«Comvosco não fallo, ó criticos ignorantes, pois que o merito de qualquer obra não podeis julgar; e como nunca expozestes obra vossa á vergonha do mundo, não tenho podido seguir vossos documentos: nem comvosco, abjectos, cujo amor proprio vos domina tanto, que só vos apraz que os outros nas trevas vivam sempre : o vosso mal-dizer desprezo.»

*
*
*

Propalando-se já por alguns jornaes a noticia do apparecimento do «Bijou» collaborado pelos melhores escriptores do paiz, julgamos conveniente, a este respeito, formular um periodo em separado, para melhor podermos esclarecer os nossos sympathicos assignantes.

Não podemos, porem, desde já affiançar que o «Bijou» seja aderegado com as preciosas perolas geradas nas incomparaveis pennas de Camillo Cas-

tello Branco, Pinheiro Chagas, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Beldemonio, Guilherme Gama e outras mais, que são os perennes edificadores da nossa litteratura, sem que, primeiramente o nosso humilde jornal os fosse visitar, pedindo-lhe ao mesmo tempo a subida honra de prostrar-se reverente na expectativa de ser engrinaldado com as suas imprescindiveis producções.

O NOSSO FIM

Felizes os que se divertem instruindo-se.
TELEM, L. 2.^o

Suspensos nos troncos ou astes flexiveis dos arvoredos, encontramos admiravelmente edificado o doce abrigo das volitantes avesinhas: circunda-o e guarda-o o verdejante frondes, que á maneira de firmes preturianos, o defendem muitas vezes dos segazes instinctos de algum gaiato.

Ali, n'esse temporario abrigo, existem ainda implumes os queridos pintainhos das meigas avezinhas, que a pouco e pouco vão crescendo, cobrindo-se ao mesmo tempo com a *toilette* primorosa que tantas vezes admiramos.

Depois de envergarem esse traje tradicional, ahí vão ellas, as novas avezinhas, atraz da mãe extremosa, saltitando aqui e ali, piando alegremente, agradecem batendo as pequeninas azas, o alimento que os paes lhe vão avidamente introduzir no bico.

Assim se vão creando, até que a idade lhe permittê o levantarem mais largos vôos, para adquirirem o indispensavel sustento.

Nós apresentando hoje o nosso modesto quizenario, implume ainda, na phrase dos nossos humildes escriptos, não temos outra satisfação, não nutrimos outras aspirações, senão aquellas que possam advir do bom acolhimento que os nossos superiores nos dispensarem, porque procuramos n'este inoffensivo divertimento o ali-

mentar-mo-nos da indispensavel instrução.

MEDITAÇÕES

NA PENHA

Quem não hade folgar ó natureza,
De ver e admirar os teus primores,
Se tu destes ao prado lindas flores
E viçosos arbustos á deveza!

Q'importa pois que a hibernál tristeza,
Nos venha arrebatár estes verdores,
Se a primavera volta com mil côres
Restituindo aos campos a belleza.

Tu és bella, formosa, encantadora!
E quando nos sorris alegremente,
Sorrisimos uós tambem, ó protectora!

Mas p'ra seres bondosa e soridente
Nada te falta, ou então não fôr
O teu auctor um Deus omnipotente.

AMOR E SYMPATHIA

QUEM deixará de amar e sympathisar com ella? Niuguem, porque seria a maior das crueldades, o não lhe dedicar até os mais pequenos affectos.

Ella, que sorri como pessoa alguma não sorri:—e, permittam-me esta phrase, as formosas filhas d'Evangelina, Ella, o fôco exuberante de irradiante e inemitaveis graças: Ella, o oceano inexaurivel dos mais acrisolados ideaes, terá, não acredito, quem lhe dirija sequer o vislumbre d'um olhar reprehensivo ou severo? Não! Eu tenho-a visto, tenho gozado a sua esplendorosa belleza, e porisso, não deixarei de lhe tributar e render a mais elevada consideração, ao mesmo tempo que transporto para este papel um similé das suas radiantés fórmás.

Ella é velha, mas sempre nova !

Não usa *toilette* como o das divas, que nos formam assaltos ao coração, mas, em recompensa, por entre as auriluzentes madeixas que a envolvem, divisa-se um extenso e verdejante manto, todo elle matisado desde a mais infima até á mais peregrina flor, que a todos faz admirar e a todas as atenções captiva.

Educada pela proeminente sabedoria d'um poder occulto, a ninguém offerece distincções, para todos sorri e para todos faz convergir eguaes amabilidades.

Uma só vez apparece no anno, sempre alegre, sempre jovial e radiante, cercada dos mais expansivos attractivos.

Qualquer pessoa ao vê-la passar, a saúde: o poeta dedica-lhe sonoros cantos; o escriptor os seus escriptos: até as meigas avesinhas lhe dirigem as boas vindas, em trinados sublimes e melodiosos, e as flores enviam-lhe a expressão da sua estima metamorphoseada em exhalações odoríferas.

Perante a sua apparição todos lhe rendem o mais affectuoso preito; e ella sempre sorrindo, vae passando, passando, até que invisível se torna nas sinuosidades do passado.

Depois, o espesso véo da extincção desce sobre as suas formas bellas e tudo volta á sua anterior insensibilidade: o poeta, em sentidos versos, patenteia a sua magua: o prosador, lamenta lhe a falta, nos seus escriptos: até as meigas avezinhas immudecem com a sua ausencia, e as florinhas estiolando, vão arrastar pelo solo as pétalas emmurchecidas.

Assim, tudo se transforma: até o nosso coração privado das impressões em que constantemente se agitava, fica mergulhado em acerbos e profundas tristezas; o peito, esse precioso altar aonde se erguem os sublimes dotes do amor e sympathia, fica repleto de saudades; e todo o nosso ser é uma espectativa ao seu proximo reaparecimento.

E' pois, quando Ella desaparece, que as saudades mais nos accommettem, fazendo-nos germinar no peito um vehemente desejo; d'aqui cresce, avoluma-se e redobra mais e mais o nosso amor e sympathia.

E, quem não hade sentir no peito os frémitos do amor e sympathia ao vêr extinguir essa deidade, aureolada com o nome de—Primavera? Ninguem!



Boletim elegante

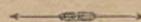
Desde o dia 8 até ao dia 19 do corrente, fazem annos as Exm.^{as} sr.^{as}:

Dia 8—D. Maria Carolina do Amal Ferreira.

Dia 15—D. Deolinda Rosa Ferreira Pinheiro.

Dia 18—D. Maria José dos Prazeres Pinto Tavares Ferrão.

Dia 19—D. Emilia Guimarães.

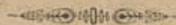


PENSAMENTOS

A instrucção é a refulgentissima luz que illumina as trevas do espirito ignorante, ou a base fundamental e solemne do conhecimento moral e intellectual.

Sem instrucção não ha progresso; instruir, pois, para progredir.

A fé constituiu-se o primeiro elemento da vida humana; sem ella não pôde haver futuro, porque as aspirações sem fé são a edificação da nullidade.



PRIMAVERA

A' EX.^{MA} SNR.^A D. D. R. O. C.

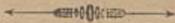
Já prestes assoma no cume dos montes,
Tithonia brilhante que as veigas inflora;
Sussurram as aguas que manam das fontes,
As murchas boninas vecejam agora.

Nas copas das arvôr's altivas, frondentes,
A brisa fagueira passando cicia;
O prado matizam florinhas virentes,
As aves gorgeiam com mais melodia.

Murmura o arroio que ao longe serpeia
Na relva macia da verde campina:
E ao brilho do sol que as folhas prateia,
A agua dos lagos é mais crystallina

Em tardes formosas, tão lindas, tão bellas,
E' doce fruir-mos do sol o morrer;
E' grato nos campos ouvir philomellas,
Uns trillos soltando com almo prazer.

Depois nasce a lua : dos montes distantes,
Lá surge rasgando das sombras o véu :
Então se divisam estrellas brilhantes
Que fulgem cravadas no limpido céu.



COISAS PASSADAS

Uma chronica, a nosso vêr, é a circumstanciada relação do passado; nós, tomando ao nosso cuidado esta ardua e espinhosa tarefa, não poderemos attingir á sua méta, pois que, nenhum acontecimento notavel se nos offerece para lhe podermos entrelaçar os arabescos da apreciação.

O tempo é o acontecimento mais palpitante e fresco que vem synthetisar a monotonia sempre em discordancia com os deleites proporcionados a algumas horas de feliz convívio. Nada lhe devemos; porque no seu prepassar antevemos a destruição completa de todas as cousas. O firmamento não ostenta o céu azul purissimo, de momento a momento é recatado pela condensação das espessas nuvens que em alternativas aglomerações nos prohibem do seu esplendoroso brilho, sentindo sobre nós em accessos temporarios o derramamento fastidioso de uma impertinente chuva. O sol, escondendo-se entre as nuvens, faz-nos *té-tés* com os seus aureos raios. Mas nós com a mente inclinada á discripção do atrophizador das nossas aspirações, ia-mos esquecendo um intertenimento instructivo que é lêr as publicações litterarias, que são as perolas alvinitentes da nossa litteratura moderna, taes como : a «Historia da Montanha», os «Contos Modernos», as «Prosas Simples» e o inimitavel discurso sacro a «Patria», que tudo isto forma um inexaurivel e crystallino arroio de phrases bellas, que demonstram o vigoroso estylo dos seus auctores.

São coisas passadas, mas patentes
no futuro.

MÃE

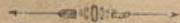
Oh ! minha mãe ! que doçura,
Que meiguice o nome teu !
Oh ! doce nome que existe
No mar, na terra, no ceu.

Quando me lembro dos beijos
Que em creancinha me deste,
E d'esses dias felizes
Que no colo me trouxeste,

Minha mãe, então eu sinto
Polular-me o coração . . .
P'ra pagar-te esses desvellos
Não chega a minha affeição.

Não chega toda a riqueza
Que este mundo coutem;
Nada pode compensar
O teu amor, minha mãe.

E' pois por isso que hoje
A teus pés, teu filho vem
Beijar-te as mãos reverente,
Oh ! minha mãe, minha mãe.



AMOR

A vida, sim; dou por ella,
E a liberdade tambem !
Dou este mundo em que vivo,
E o outro mundo d'alem.
F. GOMES.

Quero vêr-te ó nivea pomba
Sempre sempre ao lado meu,
Quero beber nos teus labios
Essa ambrosia do ceu.

Não posso estar um momento
Longe de ti sem te vêr . . .
Quero pois viver contigo;
Quero contigo morrer.

EXPEDIENTE

A todas as exm.^{as} sr.^{as} e exm.^{os} srs. a quem enviamos o nosso jornal, caso não queiram fazer-nos a fineza de ficarem com a assignatura, pede-se o obsequio de o devolverem á Redacção. Não o fazendo até á tiragem do 2.^o n.^o, ficarão considerados nossos estimaveis assignantes.